



DIÁSPORA E IDENTIDADE NA OBRA DE ORLANDA AMARÍLIS: Uma Análise de “Cais-do-Sodré” e “Desencanto”

Elisa Andrade Costa¹

Laura Beatriz Dias da Silva²

Maria Eduarda Carvalho Rodrigues³

Maria Fernanda da Silva Nicomedes⁴

Resumo

Este artigo tem como objetivo geral analisar as representações da diáspora e as construções identitárias presentes nos contos “Cais-do-Sodré” e “Desencanto”, que integram a obra *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974), da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis. A partir de estudos críticos sobre a produção literária da autora, investiga-se de que modo esses contos abordam a experiência do exílio cabo-verdiano, especialmente no que diz respeito às tensões e ressignificações da identidade, com ênfase na condição da mulher cabo-verdiana em contexto de deslocamento. Para o embasamento teórico, foram consultados pesquisadores do tema como Cardoso (2010) e Abdala Júnior (1999). A análise possibilitou compreender como Amarílis articula memória, migração e pertencimento, contribuindo para o debate acerca da literatura e da diáspora no contexto africano lusófono.

Palavras-chave: Exílio. Identidade. Literatura africana. Mulher.

Abstract

This article aims to analyze the representations of diaspora and the constructions of identity present in the short stories “Cais-do-Sodré” and “Desencanto,” which are part of *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974) by Cape Verdean writer Orlanda Amarílis. Drawing on critical studies of the author’s literary production, the article investigates how these narratives address the experience of Cape Verdean exile, particularly with regard to tensions and reconfigurations of identity, with special emphasis on the condition of Cape Verdean women in contexts of displacement. For the theoretical framework, scholars such as Cardoso (2010) and Abdala Júnior (1999) were consulted. The analysis made it possible to understand how Amarílis articulates memory, migration, and belonging, thereby contributing to debates on literature and diaspora within the Lusophone African context.

Keywords: Exile. Identity. African literature. Women.

¹ Mestre em Letras Vernáculas na área de Literatura Brasileira (UFRJ), docente do UGB-FERP.

² Discente do curso de Letras do UGB-FERP.

³ Discente do curso de Letras do UGB-FERP.

⁴ Discente do curso de Letras do UGB-FERP.



1 Introdução

Orlanda Amarílis (1924–2014), escritora cabo-verdiana nascida em Assomada, Santa Catarina, Cabo-Verde, se formou em Magistério Primário em Goa e em Ciências Pedagógicas em Lisboa. Viveu em diversos países, participando ativamente de encontros culturais e de movimentos como o Movimento Português Contra o Apartheid e a Associação Portuguesa de Escritores. Iniciou sua carreira literária na revista *Certeza* e publicou livros de contos como *Cais do Sodré té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos Pássaros* (1983) e *A Casa dos Mastros* (1989).

A autora se destaca por uma escrita especialmente voltada para a vivência de mulheres cabo-verdianas, articulando temas cotidianos a um retrato sensível e crítico da diáspora, ambientada entre grandes cidades europeias e a memória persistente do arquipélago, sempre presente como contraponto emocional e identitário. O conceito de diáspora pode ser definido como:

Caráter especificamente político ao denotar o movimento de dispersão de povos, quer seja voluntário ou forçado, geralmente com forte impacto político, social e cultural, originando, no país anfitrião, um grupo migratório, uma comunidade, às vezes imaginária, como sugere Benedict Anderson (1983), que mantém uma forte conexão com a terra natal. (ALMEIDA, 2006, p. 193).

O conceito de diáspora, conforme discutido por Almeida (2006), adquire um caráter especificamente político, ao denotar o movimento de dispersão de povos, quer seja voluntário ou forçado, geralmente com forte impacto político, social e cultural, originando, no país anfitrião, um grupo migratório, uma comunidade, por vezes imaginária, como sugere Benedict Anderson (1983), que mantém uma forte conexão com a terra natal. Essa concepção permite compreender a diáspora não apenas como deslocamento geográfico, mas também como um processo contínuo de negociação simbólica, afetiva e identitária, permeado por relações de poder e por formas de pertencimento tensionadas. Na obra de Orlanda Amarílis, a diáspora é retratada como uma experiência que ultrapassa o deslocamento físico, tornando-se um espaço de negociação identitária marcado pelo contato entre culturas e pela formação de identidades híbridas. Suas personagens vivem entre a memória de Cabo Verde e as influências europeias, experimentando um constante sentimento de estar “fora de lugar”. A autora também evidencia o caráter político da diáspora,

denunciando desigualdades entre centro e periferia e a marginalização dos cabo-verdianos, especialmente das mulheres, que enfrentam preconceitos diversos e dificuldades de inserção social.

Essa dinâmica aparece com força no conto “Cais do Sodré”, que funciona como pórtico da coletânea e apresenta Andresa, uma narradora imersa nas tensões da migração cabo-verdiana em Lisboa. Já em “Desencanto”, a autora aprofunda as fraturas emocionais e identitárias provocadas pelo exílio, revelando como o espaço europeu nem sempre corresponde às expectativas projetadas pelos emigrantes.

Desta forma, o presente estudo tem como objetivo analisar os contos “Cais do Sodré” e “Desencanto”, da coletânea *Cais-de-Sodré té Salamansa* (1974), para compreender como Orlanda Amarílis representa a diáspora por meio de personagens que vivenciam conflitos identitários, culturais e afetivos no contexto migratório. Busca-se investigar de que modo a autora evidencia, em “Cais do Sodré”, o sentimento de desenraizamento, a formação de identidades híbridas e os vínculos comunitários que emergem como resistência à estandardização europeia. Em “Desencanto”, serão investigadas as fraturas emocionais e identitárias provocadas pelo exílio, bem como a violência simbólica, o racismo e as desigualdades enfrentadas pelos emigrantes nos grandes centros urbanos.

Falar sobre Orlanda Amarílis é importante porque sua literatura dá voz à mulher cabo-verdiana em um contexto histórico em que essas vozes eram pouco ouvidas. Ela traz para o centro da narrativa temas como deslocamento, saudade, identidade cultural e a condição feminina. Analisar esses elementos nos ajuda a entender melhor as vivências da diáspora africana, a valorização das raízes e a resistência cultural frente à globalização.

2 Literatura da diáspora e construção identitária feminina por Orlanda Amarílis

A análise do conto “Cais-do-Sodré”, de Orlanda Amarílis, fundamenta-se em estudos que discutem a literatura de migração e exílio e a identidade feminina presentes na obra. De acordo com Benjamin Abdala Júnior (1999), a produção da autora insere-se na chamada literatura de migrante, pois reflete as tensões entre

deslocamento, memória e pertencimento, articulando a experiência cabo-verdiana e a vivência da diáspora em Lisboa. O autor aponta ainda que a figura feminina mantém um lugar privilegiado de observação da diáspora, já que as mulheres cabo-verdianas carregam tanto as marcas do deslocamento quanto as da desigualdade de gênero, funcionando como mediadoras entre culturas e depositárias de tradições e afetos.

Além disso, Altamir Botoso (2011) acrescenta que a protagonista Andresa pode ser compreendida como um ser de fronteira, cuja condição revela a dificuldade de integração à sociedade portuguesa e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de retorno pleno à pátria de origem. Essa leitura reforça a percepção da personagem como síntese entre exílio e desenraizamento, fenômeno recorrente nas experiências de emigrantes africanos em solo europeu.

A análise do conto “Desencanto”, de Orlanda Amarílis, fundamenta-se nos estudos de Suely Alves de Carlos (2010), que investiga como a autora constrói literariamente a experiência da diáspora cabo-verdiana por meio de um olhar crítico e sensível para as rupturas subjetivas provocadas pelo exílio. Segundo a pesquisadora, Amarílis revela, nesse conto, o lado mais doloroso da migração, evidenciando o descompasso entre o imaginário idealizado da partida e a dura realidade enfrentada pelos emigrantes nos centros urbanos europeus. Sua análise destaca que o “desencanto” da personagem expressa a consciência do não pertencimento, reforçada pela violência simbólica e pelas desigualdades que permeiam as relações entre colonizador e colonizado.

3 Desenvolvimento

3.1 A experiência da diáspora e o desenraizamento em “Cais-do-Sodré”

O conto “Cais-do-Sodré”, que é o primeiro conto do livro Cais-do-Sodré té Salamansa (1991), narra um episódio vivido pela protagonista Andresa, que é uma cabo-verdiana exilada em Lisboa-Portugal e marcada pela solidão de viver em outro continente.

Andresa é apresentada como cabo-verdiana, exilada em Portugal e, por isso, dividida entre dois mundos: Portugal e Cabo-Verde. Em uma estação de viagem em



XIII SIMPÓSIO

DE PESQUISA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO UGB

“NOVOS HORIZONTES PARA UM NOVO CICLO INSTITUCIONAL.”



Lisboa encontra Tanha, outra cabo-verdiana, com quem se permite iniciar uma conversa, mas devido à rispidez da resposta demonstra arrependimento. Essa ação enfatiza os sentimentos pessoais da protagonista, que possui o desejo de manter contato com seus conterrâneos, mas, ao mesmo tempo, rejeita essa vontade:

De há algum tempo para cá acontece-lhe isto. Vê um patricio, sente necessidade de lhe falar, de estabelecer uma ponte para lhe recordar a sua gente, a sua terra. Entretanto, feito o contato, o desencanto começa a apoderar-se dela. Qualquer coisa bem no íntimo lho faz sentir. Não têm afinidades nenhuma com as pessoas de há quinze anos para trás. Nem são as mesmas. (AMARILÍS; 1974, p. 15)

Entretanto, mesmo sua situação de emigrante lhe trazendo certa relutância e a dúvida que a inibem de se entregar às lembranças de sua terra natal, Andresa age quase por impulso ao encontrar pessoas de Cabo-Verde, pois representam uma oportunidade de reviver emoções e sentimentos existentes apenas nessas memórias. O sentimento de saudade da terra é enfatizado em todo o conto, no diálogo com Tanha e nas lembranças que surgem como consequência desse diálogo. Ela fala sobre as tradições, folclore e crença em bruxas e feitiços, nos conduzindo para suas vivências culturais. Além disso, ao se encontrar com Tanha age conforme um costume cabo-verdiano vivo em si, de identificar as pessoas pela sua linhagem familiar:

Oh gente, se encontra pessoas, como ela, vindas daquelas terras de espreguiçamento e lazeira, associa-as quase sempre a uma ou outra família. Se não as conhece, bom, de certeza conheceu o pai ou o primo ou o irmão, ou ainda uma tia velha, doceira de fama, até talvez uma das criadas lá da casa. (AMARILÍS; 1974, p. 11)

Contudo, suas memórias também apontam a bigamia e doenças como tuberculose, tifo e desintéria, a miséria e a impossibilidade de melhora como problemas crônicos da realidade caboverdiana. Essa realidade é apontada como motivo de lamento e frustração que obrigou Andresa e obriga outros exilados a saírem em busca de uma vida melhor.

No final do conto, quando Tanha se afasta de Andresa e sua decisão é não a acompanhar, o lugar ao seu lado passa a ser ocupado por uma "inglesa ruiva". Ao ter a presença de uma cabo-verdiana, responsável por alimentar suas memórias e sentimentos ligados à sua terra natal, substituído pela presença de uma europeia, a

protagonista prioriza a lembrança de seu povo e resolve deixar a companhia da europeia para se reaproximar da africana, com quem compartilha a mesma nacionalidade e os mesmos sentimentos em relação ao exílio e ao solo cabo-verdiano:

A seu lado, a inglesa ruiva continua sua companheira de banco. Na gare vazia, descobre o comboio. Levanta-se e começa a andar. Junto à segunda carruagem espreita. Tanha, olhar descansado, a face serena, num canto do assento como se devessem caber aí mais umas cinco pessoas ainda no mesmo banco, sorri para Andresa. Coitada de Tanha! Vou com ela até Caxias. (AMARILÍS; 1974, p.18)

A relutância inicial em manter a conversa com Tanha e, posteriormente, decidir acompanhá-la, é uma clara representação da impossibilidade de retorno para sua terra, apesar do apego às memórias e da constante nostalgia. Paralelamente, sua decisão final de insistir no diálogo e de se manter ao lado de Tanha, nos mostra a priorização de seu lado cabo-verdiano e a compreensão da impossibilidade de assumir a nacionalidade portuguesa, devido ao preconceito europeu, além da necessidade de minimizar o sentimento de solidão através da presença daqueles que vieram de terras africanas.

Com isso, é possível afirmar que a característica principal da protagonista do conto, construída por Orlanda Amarilís, é representar uma fronteira entre Portugal e Cabo-Verde, mantendo em os dilemas e problemas enfrentados por todos os emigrantes: a impossibilidade de assumir a nacionalidade lisboeta, devido ao preconceito europeu, e a inexistência de perspectivas positivas para a melhora das condições econômicas e sociais das terras africanas, que a impedem de retornar.

3.2 Exílio, apagamento e fragmentação identitária em “Desencanto”

O conto "Desencanto", que integra a coletânea *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974), de Orlanda de Amarilís, retrata a rotina de uma mulher cabo-verdiana exilada, exposta às dificuldades da diáspora, às desigualdades de gênero impostas às mulheres do exílio, a perda de identidade e às frustrações afetivas e amorosas que marcam sua trajetória. A personagem – cuja identidade não é nomeada ao longo da narrativa, recurso que já sugere sua invisibilidade – enfrenta a gradual

perda de identidade diante da realidade em que se encontra. Diversas situações evidenciam seu sentimento de não pertencimento ao novo espaço:

A sua vida desde esse tempo tem sido um escorregar constante. É como se fosse uma casca de banana grudada sob os pés. Adivinha o epílogo. Acabará de estatelar-se sem apoio. Corrida de empregos de sujeições tem sido o seu rosário através destes anos todos. (AMARÍLIS, 1974, p.43).

A sua identidade também é construída a partir da forma em que é vista, como se observa na descrição "(...) cigana errante, sem amigos, sem afeições, desgarrada entre tanta cara conhecida." (AMARÍLIS; 1974, p.45), ou, na maneira em que se sente e reage ao ser vista "Nunca conseguiu enfrentar os clientes sabidos e desnudaram-na com os olhos lascivos. Quando isso acontecia corava e temia. Nem sabia para onde se voltar" (AMARÍLIS; 1974, p.42).

Os sentimentos vivenciados pela protagonista ao longo de sua trajetória, de vida e também na trajetória diária até o trabalho, são apresentados no conto por meio de metáforas e outros recursos expressivos que articulam a resistência às desigualdades (diáspora e gênero). As marcas do exílio, enfrentadas dia após dia ao deslocar-se pela cidade, ao ser vista pelos outros e, ao precisar adaptar-se a uma nova realidade, revelam a luta cotidiana e o esforço contínuo para reconstruir uma identidade em meio ao desamparo e ao não pertencimento.

Orlanda Amarílis articula a experiência da diáspora a partir da realidade dura do arquipélago cabo-verdiano, marcado historicamente pela pobreza do solo, pela irregularidade das chuvas e pela falta de oportunidades – elementos que transformaram a emigração em um fenômeno estrutural da sociedade cabo-verdiana. Conforme mostra Carlos (2010), essa precariedade interna faz com que muitos habitantes busquem alternativas fora das ilhas, reproduzindo um movimento que remete à própria história de colonização portuguesa. É nesse contexto que a protagonista de "Desencanto" escolhe Lisboa, antiga metrópole colonial, como destino, acreditando encontrar nesse espaço "mais civilizado" a possibilidade de inclusão e ascensão negadas no arquipélago. No entanto, sua experiência revela o contrário: a cidade europeia aparece como lugar de exclusão, impessoalidade e solidão, em que o fato de ser imigrante, mestiça e mulher a coloca numa posição tripla de subalternização:



XIII SIMPÓSIO

DE PESQUISA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO UGB

“NOVOS HORIZONTES PARA UM NOVO CICLO INSTITUCIONAL.”



Voltara as costas ao emprego precisamente quando já estava a adaptar-se à vida de pau mandado. Adaptar-se é um modo de dizer. Gostaria mais de não fazer nada. Apenas falar com este com aquele rir com uns bons amigos. Nunca conseguiu enfrentar os clientes sabidos e desnudaram-na com os olhos lascivos. Quando isso acontecia corava e tremia. Nem sabia já para onde - se voltar. (AMARILÍS; 1974, p.42).

Carlos (2010) destaca ainda que Amarilis diferencia a forma como a “rebeldia” se manifesta em suas personagens femininas: enquanto as mulheres que permanecem nas ilhas exercem uma resistência cotidiana dentro de um espaço doméstico e social que as oprime, as que migram, como a protagonista de “Desencanto”, encarnam uma rebeldia mais visível, pois desafiam a ordem ao abandonar o lugar que lhes era imposto.

Contudo, essa rebeldia esbarra nas estruturas coloniais e patriarcais persistentes em Lisboa, onde a personagem se vê apagada, não reconhecida e incapaz de ocupar um lugar de sujeito. Assim, Amarilis evidencia que, tanto no arquipélago quanto na diáspora, a mulher cabo-verdiana luta contra camadas históricas de desigualdade, revelando a diáspora como continuação e atualização das mesmas relações de poder herdadas do passado colonial.

Além disso, a partir do artigo de Suely Alves de Carlos (2010), é possível compreender com precisão por que a protagonista de “Desencanto” rejeita ser confundida com seus “patrícios de cor” e por que sua mestiçagem é para ela uma marca que deseja ocultar

Encruzilhada pela qual tem de escolher. Sempre a fugir de andar com os patrícios de cor para não a confundirem e afinal é um branco que lhe vem lembrar a sua condição de mestiça.
Oh céus! É uma cigana errante, sem amigos, sem afeições, desgarrada entre tanta cara conhecida. (AMARILÍS; 1974, p.42).

Segundo o estudo, a protagonista internaliza a hierarquia colonial que sempre colocou o branco como superior e civilizado e o negro como inferior, herança direta da relação histórica entre metrópole e colônia. Em Lisboa, ela tenta aproximar-se da cultura europeia porque acredita que isso lhe dará reconhecimento e pertencimento, já que a sociedade portuguesa coloca a branquitude como modelo identitário dominante. Por isso, evita ser vista junto a outros cabo-verdianos, temendo que tal

associação reforce sua condição racializada de imigrante, marcada por estigmas e preconceitos. Fugir dos “patrícios de cor” é, por conseguinte, uma estratégia para

distanciar-se do estereótipo do imigrante pobre e marginal, tentando apagar traços culturais e corporais que a diferenciam.

3.3 Memória, pertencimento e identidade na diáspora: um diálogo entre “Cais-do-Sodré” e “Desencanto”

A leitura comparativa dos contos “Cais-do-Sodré” e “Desencanto”, de Orlanda Amarílis, evidencia como a autora constrói experiências distintas, porém complementares, da diáspora cabo-verdiana em Lisboa, revelando a complexidade dos processos de desenraizamento, pertencimento e fragmentação identitária vivenciados por mulheres emigrantes. Embora ambas as narrativas se inscrevam no mesmo espaço geográfico e histórico, uma vez que contempla a antiga metrópole colonial, as trajetórias das protagonistas apontam para modos divergentes de relação com a memória, com a coletividade e com a própria identidade.

Em “Cais-do-Sodré”, a diáspora é marcada pela ambivalência entre rejeição e aproximação. Andresa oscila constantemente entre o desejo de evitar o contato com seus conterrâneos e a necessidade quase involuntária de estabelecer laços que a reconectem à sua terra de origem. A memória, nesse conto, atua como força estruturante da identidade: é por meio das lembranças das tradições, das relações familiares e das práticas culturais que a personagem central reafirma sua pertença, ainda que reconheça os limites e frustrações associados à realidade do arquipélago. Assim, o exílio não apaga sua identidade, mas a mantém em estado conflituoso consigo mesma, fazendo de Andresa uma figura liminar, dividida entre Portugal e Cabo-Verde.

Já em “Desencanto”, a experiência diaspórica assume contornos mais radicais de apagamento e desagregação identitária. A protagonista não encontra na memória um espaço de amparo, mas um peso que precisa ser ocultado. Diferentemente de Andresa, que se reconhece nos seus “patrícios”, a personagem de “Desencanto” evita a convivência com outros de sua terra como estratégia de sobrevivência simbólica em um contexto que hierarquiza identidades a partir da lógica colonial e racial. Sua

mestiçagem, longe de funcionar como elemento de mediação cultural, transforma-se em marca de exclusão, aprofundando seu sentimento de não pertencimento.

Enquanto em “Cais-do-Sodré” o encontro com Tanha possibilita uma reaproximação afetiva e identitária, mesmo que perpassada por contradições, em “Desencanto” os encontros reforçam a solidão, o medo e a sensação de inadequação. Lisboa, que poderia funcionar como espaço de reconstrução, aparece, nos dois contos, como lugar de segregação; contudo, as respostas das protagonistas a esse cenário diferem significativamente. Andresa resiste por meio da memória compartilhada e da solidariedade entre conterrâneas, ao passo que a personagem de “Desencanto” internaliza o olhar colonial e patriarcal, tentando se distanciar dos traços que a vinculam à sua origem.

Dessa forma, Amarílis constrói duas faces da diáspora feminina cabo-verdiana: uma que, apesar do desenraizamento, busca preservar vínculos simbólicos com a terra natal, e outra que evidencia os efeitos mais profundos da violência colonial, expressos na negação da própria identidade. Em ambas, todavia, a diáspora se revela como continuidade das desigualdades históricas impostas às mulheres cabo-verdianas, seja no arquipélago, seja na metrópole, reforçando a ideia de que o deslocamento geográfico não implica, necessariamente, emancipação social ou subjetiva.

4 Considerações Finais

Conclui-se que os contos “Cais-do-Sodré” e “Desencanto”, do livro de contos Cais-do-Sodré té Salamansa (1974), deixam à mostra a relevância da obra de Orlanda Amarílis para a compreensão da complexidade da diáspora cabo-verdiana. Em sua narrativa, a autora constrói momentos que descrevem com detalhes um sentimento que ultrapassa o deslocamento geográfico, descrevendo a luta daquelas pessoas em busca de suas identidades para além da ilha de cabo-verde, propondo uma reflexão profunda sobre a cultura e questões pessoais que permeiam a experiência migratória, especialmente quando envolve a mulher cabo-verdiana.

Em ambos os contos, Amarílis aborda a complexidade da diáspora, explorando as fronteiras entre pertencimento e exclusão. Ao dar o protagonismo às figuras

femininas, a autora deixa em evidência questões pouco consideradas nas obras migratórias anteriores a ela, ressaltando a vulnerabilidade emocional e social

da mulher cabo-verdiana, a solidão em terras estrangeiras, o choque cultural e o sentimento de não pertencimento. Assim, sua escrita contribui significativamente para a ampliação do debate sobre identidade e migração na literatura africana de língua portuguesa, reforçando a necessidade de compreender a diáspora não apenas como fenômeno sociopolítico, mas também como experiência íntima e emocional.

Referências

AMARILÍS, Orlanda. **Caes-do-Sodré té Saiamansa**. 2. ed. Lisboa: ALAC (África, Literatura, Arte e Cultura, Lda.), 1991.

ALMEIDA, Sandra. R. G. . **A nova diáspora e a literatura de autoria feminina contemporânea**. In: CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília Acioli; SCHNEIDER, Liane. (Org.). Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades. Maceió: EDUFAL, 2006, p. 191-199.

BATOSO, Altamir. Integração, exílio e solidão no conto "Cais-do-Sodré", de Orlanda Amarilís. **Revista Ícone: Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Goiás: v. 8, p. 58-69, jul. 2011.

CARDOSO, Jaqueline Teodora Alves. **A ação pela palavra: diáspora e entre-lugar na escrita da intelectual Orlanda Amarilís**. Dissertação (Pós-graduação em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2010.

CARLOS, Suely Alves de. Orlanda Amarilís: identidade e gênero na diáspora. **Revista Interdisciplinar**, ano 5, v. 10, p. 197–207, jan./jun. 2010.

FONSECA, Maria, MOREIRA, Terezinha. **Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa**. Caderno Cespuc de Pesquisa. Belo Horizonte, n. 16, p. 13-69, set. 2007.

JUNIOR, Benjamin Abdala. **Orlanda Amarilís, literatura de migrante**. Revista Via Atlântica. São Paulo: USP, v. 2 n.º. 2. p. 76-89, dez. 1999.

SILVA, Elisa Maria Taborda da; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Representações da diáspora na escrita de Orlanda Amarilís**. Revista do CESP, v. 31, n. 46, p. 161–189, jul.–dez. 2011.



TEMPLO CULTURAL DELFOS. **Orlanda Amarílis – o universo cabo-verdiano.**
Disponível em:
<https://www.elfikurten.com.br/search/label/Orlanda%20Amar%C3%ADlis%20-%20o%20universo%20cabo-verdiano>.(Acesso em: 29 nov. 2025.)